PEQUENAS LIÇÕES:
Lição nº 1 - O Banco Central do Brasil

José da Silveira Filho

As pessoas do povo normalmente não discutem a importância do dinheiro. Dificilmente se presencia esse debate. O motivo pode ser bastante simples. Trata-se de algo óbvio. Qual a razão para discutir o evidente?... Nenhuma. Então, à primeira impressão, o dinheiro é importante por si próprio. É porque é.

De nossos bolsos, o dinheiro salta à circulação de mercadorias. Precisamos dele para comprar e vender mercadorias. Dessa forma sobrevivemos. Recebe-se mercadoria de um lado, entrega-se dinheiro em troca. As trocas se consolidam legitimamente, fazendo funcionar o organismo econômico em sua superfície.

Do comércio de mercadorias, o dinheiro vai aportar nos bancos. Ali, ele cai em conta corrente para liquidar operações diárias. Milhares e milhões de transações sucedem diariamente, num total enorme de massa de dinheiro fictícia em circulação financeira. Todavia, este dinheiro não sai para fora. Ele está ali, preso no movimento bancário, girando dentro dele sem cessar. São cifras de contas em registros de débito e crédito que aparecem e desaparecem eletronicamente. Ninguém vê tombeiras, basculando dinheiro, entrando e saindo. Papel mesmo, no duro, saem apenas documentos impressos para comprovar as operações.

Os bancos podem emprestar uma parte deste dinheiro. Se uma empresa deve para a outra, apenas trocam-se papéis de crédito, e um mata o outro. Não entrou nenhum vintém. Somente um documento compensou o outro. Permanecem apenas os saldos. Portanto, há uma parte do dinheiro que está livre, sem se misturar à dinâmica econômica, como se formasse um resíduo no fundo desse processo, compondo montantes de dinheiro prontos para serem emprestados pelo banco. Claro, é uma sobra, ociosa, colocada à disposição dos interessados. Há gente que precisa de dinheiro para comprar coisas. Viver. Outros necessitam dele para algum negócio. E outros o querem para investir. E outros para especular ao tirar proveito de situações.

Como os bancos sabem disso, podem emprestar uma determinada quantia dessa mercadoria dinheiro sobrante, em troca de um preço específico: a taxa de juros. Como ninguém volta ao banco sacar todo seu dinheiro, para verificar se este foi totalmente emprestado ou não, os bancos se sentiriam tentados a emprestar mais do que possuem, multiplicando empréstimos e a quantidade de dinheiro no sistema econômico. Isto já aconteceu no passado, quando não havia controle sobre os bancos, causando graves transtornos, quebras de empresas, trapaças... No Brasil, houve o Encilhamento Financeiro, no início do século XX, para exemplificar nossa narrativa.

Para evitar esta prodigalidade, de usar com gosto a pólvora alheia, e emprestar até o que não se tem, a experiência conduziu à organização de um Banco Central para impor disciplina e estabelecer regras transparentes ao funcionamento bancário. Era fundamental existir uma instituição

oficial para por ordem na casa, respeito, padrões de comportamento. Então, a primeira função do Banco Central é justamente esta: exercer controle sobre o sistema bancário, de tal modo que seja uma atividade segura, capaz de inspirar confiança em todos os depositantes. E a coisa que banqueiro mais preza é confiança. Se o povo perde a confiança em sua instituição, há o sério risco de uma corrida às agências para efetuar saques. O banco quebrou.

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das idéias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Economia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores e as ideias nele inseridos, não necessariamente, refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.